



Diálogos

ISSN 2177-2940



Entrevista com Cynthia McLeod¹

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i2.54107>

Natali Fabiana da Costa e Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-0999-5898>

Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: natali_costa@hotmail.com

Paulo Gustavo Pellegrino Correa

 <https://orcid.org/0000-0002-2167-5969>

Universidade Federal do Amapá, Macapá-AP, Brasil. Email: paulogustavo1978@gmail.com

“Os estudantes surinameses foram à Holanda para estudar; eles foram educados para serem holandeses, mas na Holanda eles perceberam que NÃO eram holandeses e nunca poderiam se tornar holandeses porque tinham uma identidade surinamesa própria”

Cynthia McLeod em Macapá, Brasil.



Foto: Paulo Gustavo Pellegrino Correa.

¹ Entrevista concedida online a Natali Fabiana da Costa e Silva e Paulo Gustavo Pellegrino Correa em fevereiro de 2020.

Cynthia McLeod é uma das maiores escritoras do Suriname. Sua obra literária, originalmente escrita em holandês, passou a ter grande circulação e reconhecimento na região das Guianas, sobretudo depois da tradução de três dos seus romances para o inglês: *The cost of sugar* (2007), *The free negress Elisabeth: prisoner of color* (2004) e *Tutuba: the girl from the slaveship Leusden* (2013). Vale lembrar, contudo, que sua estreia como autora aconteceu em 1987, ano da publicação de *Hoe duur was de suiker* (*The cost of sugar*). Em menos de seis semanas, a obra virou Best Seller e, anos depois, ganhou uma adaptação para o cinema sob a direção de Jean van de Velde.

O trabalho da escritora tem como cenário um país pouco conhecido em uma América do Sul colonizada em sua maior parte por portugueses e espanhóis. Com um pouco mais de 600 mil habitantes, o Suriname está inserido na chamada Amazônia Transnacional. Seu mosaico cultural é composto por Ameríndios, Afrodescendentes – os Maroons ou Bush-negroes –, Indianos de origem Hindu e Mulçumana, Indonésios, Javaneses, Chineses, Ingleses, Holandeses, Brasileiros e Mestiços

Uma das possíveis causas de seu sucesso reside na maneira pungente como McLeod narra a vida de suas personagens. Por meio de seus romances, ela expõe as entranhas da sociedade colonial surinamesa, eminentemente marcada por uma lógica patriarcal e racista que, por séculos, silenciou grupos minoritários como mulheres, escravizados e sujeitos negros. Trata-se de uma autora que alia técnica literária e registros históricos com o fito de questionar paradigmas de gênero, classe e raça. A mulher negra, na condição de escravizada ou não, ganha relevo em sua obra, pois é a partir de seu olhar que se desnuda a hipocrisia social e os mal tratos a sujeitos marginalizados.

Revista Diálogos: Qual é o papel da literatura na consolidação da identidade do Suriname após a independência?

Cynthia²: Esta é uma questão realmente interessante. De fato, isso começou muito antes da independência. Você deve entender que tínhamos uma educação totalmente holandesa, começando logo após o período da escravidão, em 1876. A educação não consistia em nada surinamês. A língua da educação era o holandês, aprendemos com os livros de texto em holandês sobre assuntos holandeses. Sempre que havia algo no Suriname, como história ou geografia, isso também era da perspectiva holandesa. Tudo o que não era holandês estava errado! Todo Surinamês teve que se tornar o mais holandês possível porque ser Surinamês era ser inferior. No final dos anos 40, após a Segunda Guerra Mundial, alguns estudantes do Suriname foram à Holanda para estudar. Eles foram

² Todas as respostas foram escritas em inglês pela autora e traduzidas pelos entrevistadores. A entrevista foi concedida por e-mail.

educados para serem holandeses, mas, na Holanda, perceberam que não eram holandeses e nunca poderiam se tornar holandeses porque possuíam uma identidade surinamesa própria. Alguns estudantes do Suriname na Holanda dos anos 50 começaram a expor sua identidade surinamesa na música, na fala, no vestuário e na literatura. Muitas bandas de música do Suriname começaram na Holanda. Quase não havia literatura no Suriname porque não havia editores nessa pequena sociedade. Mas, na Holanda, os autores do Suriname encontraram editoras. Assim, no final dos anos cinquenta e nos anos sessenta até a independência (1975), uma grande quantidade de livros de autores surinameses foi publicada na Holanda e chegou ao Suriname. A maioria desses livros e romances tratava sobre questões de identidade: o protagonista descobria sua própria identidade e percebia que não havia nada de errado em ser um Surinamês e se tornar um Surinamês orgulhoso (Sranami Hai de Bea Vianen; Atman de Leo Ferrier; *Neem mij terug Suriname* de Astrid Roemer). A tendência de publicação na Holanda continuou após a independência; praticamente não existiam editores no Suriname. Após a independência, com a ditadura nos anos 80, as coisas realmente ficaram ruins. A identidade não era mais um problema porque todos os Surinameses sabiam que eram Surinameses e nosso país não estava falando com a Holanda. Contudo, tivemos uma grande fuga de cérebros. Neste momento (2020), quase não há produção de literatura no Suriname. A literatura do Suriname está sendo produzida na Holanda e chega ao Suriname. Infelizmente, a situação econômica de todos os Surinameses é tão ruim que as pessoas leem, mas não têm dinheiro para comprar livros. Os livros são um produto de luxo.

Como demonstrei antes, a busca e consolidação da identidade surinamesa na literatura começou no início dos anos 50 e foi muito intensa na época da independência, no final dos anos 70. O Suriname sofreu um golpe militar em 1980 decorrido de um período de ditadura até o final de 1987. Ainda nos lembramos dos anos 80 como o período mais terrível da nossa história: tudo diminuiu, viver ficou difícil, nossa moeda ficou sem valor, faltava tudo, longas filas em frente às lojas, pobreza (como a Venezuela agora). Em 1986, a situação era tão difícil e a resistência contra o governo militar era sentida em todos os lugares. Temíamos por nossas vidas dia após dia. Após a formação de um partido político de oposição, a democracia foi restabelecida e, em novembro de 1987, tivemos as primeiras eleições novamente. Meu romance *The Cost of Sugar* foi escrito em 1985 e eu decidi que deveria ser publicado no Suriname. Lembre-se, nunca antes um romance de 250 páginas havia sido publicado no Suriname. Mas eu encontrei uma editora que topava essa empreitada. A preparação levou muito tempo, 18 meses. Entretanto, no final de 1987, o livro estava pronto. Aconteceu que foi publicado em 30 de outubro e as primeiras eleições foram em 25 de novembro. Não era um livro político, mas, de alguma forma, ele se tornou um ato político contra todo aquele governo militar. Surinameses ansiavam por liberdade e democracia e o romance

também era algo pelo qual os Surinameses ansiavam: sua própria história a partir de sua própria perspectiva. O livro se tornou um sucesso, um *Best Seller*, e é até hoje o mais vendido de todos os tempos! (Fiquei famosa da noite para o dia!!) Também foi o começo de algo novo: a História do Suriname contada a partir de nossa própria perspectiva. Isso abriu as portas para mais autores escreverem e publicarem no Suriname. A literatura surinamesa sobre todas as questões, políticas ou não, produzidas no Suriname começou a crescer e floresceu nos anos noventa e na primeira década do século XXI. Agora, em 2020, com esse governo terrível, do presidente que deu o golpe militar e foi um assassino nos anos 80, você pode imaginar como tudo no Suriname voltou a ser difícil novamente...é como voltar aos anos 80 novamente... período em que quase nenhuma literatura era produzida no Suriname.

RD: Suriname é um país da Amazônia e da América do Sul. No entanto, também se entende como um país do Caribe. Do ponto de vista cultural, na sua opinião, o que une e separa o Suriname da Amazônia / América do Sul do Suriname do Caribe?

Cynthia: O Suriname é um país da Amazônia e da América do Sul, mas certamente não se vê como um país da América Latina. No Brasil, o português é o idioma e, no resto da América Latina, há o espanhol. No entanto, somos um país de origem holandesa! Somos muito mais um país do Caribe, embora entre os países do Caribe também estejamos separados porque não somos britânicos, mas holandeses. Compartilhamos uma história mútua com os países do Caribe porque fomos todos colônias estabelecidas para cultivar bens para nosso proprietário europeu e, para isso, uma grande quantidade de africanos foi importada. A escravidão e a atitude dos proprietários de escravizados com todas as suas regras e leis realmente formaram a sociedade hoje em dia no Suriname, na Guiana e em todas as ilhas do Caribe. A comunidade escravizada era muito maior do que os poucos europeus brancos, portanto, quando a escravidão foi abolida, os descendentes dos escravizados eram maioria. Como você sabe, o Reino Unido importou pessoas de sua maior colônia, a Índia, para os países do Caribe, para assumir o trabalho dos ex-escravizados e, em 1870, a Holanda fez um acordo com a Inglaterra de que esses trabalhadores contratados também poderiam ir ao Suriname. A maioria desses indianos ficou no Suriname após o período de contrato e esse é o histórico compartilhado de todas as regiões do Caribe. Após o período de escravidão, obtivemos educação obrigatória e no Suriname foi introduzido o sistema de ensino holandês com livros holandeses e no idioma holandês. Todo mundo tinha que se tornar o mais holandês possível: estávamos completamente focados na Holanda, "nossa pátria" (que era muito mais uma madrasta do que mãe). Até a época da Segunda Guerra Mundial, estávamos totalmente isolados. Viajar era quase

impossível, dificilmente chegavam estranhos, por isso não havia influência alguma sobre os países vizinhos. (Nosso vizinho Brasil podia chegar até a Rússia) Apenas algumas comunidades indígenas da Amazônia do Sul que não tinham conhecimento dos limites fronteiriços transitavam, mas também não tinham contato com cidades do Brasil. Após a independência (1975), o país iniciou relações diplomáticas com os países vizinhos e, devido à situação política do Suriname (golpe militar e ditadura nos anos 80), essas relações dificilmente se desenvolveram. O fato de não sermos uma ilha, mas fazer parte da região amazônica, separa o Suriname dos outros países do Caribe, mas o fato de não pertencermos ao *Common Wealth* e o fato de que o inglês não é nossa primeira língua realmente nos separa.

RD: Em “*The cost of sugar*”, “*Tutuba: the girl from the slaveship, Leusden*” e “*The free negress Elisabeth: prisoner of color*”, percebemos a presença de protagonistas femininas. O que levou a essas escolhas? Isso pretendia criar uma nova perspectiva sobre a história?

Cynthia: Protagonistas femininas! De fato, em todos os meus romances (dez publicados) tenho protagonistas femininas. Como sou mulher, acho mais fácil, pois me identifico. O nome de Elisabeth Samson foi mencionado em todos os grandes volumes da história do Suriname e fiquei intrigada com isso. Pesquisei por mais de 12 anos e todas as informações que encontrei eram tão contrárias à maneira como ela foi mencionada pelos historiadores (homens brancos e machistas, diga-se), que só esse fato continha um romance em si.